

Unidade 2



Conhecendo o adolescente

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Identificar as características do desenvolvimento do adolescente no contexto sociofamiliar.
- Compreender o papel do adolescente como cidadão e sujeito ativo na transformação da escola e da comunidade.
- Relacionar o papel da escola e da família com a formação de valores e da identidade.

O QUE ABORDAREMOS NESTA UNIDADE?

Temática: Conhecendo o adolescente

Vídeo: *Quem vê cara não vê coração*

Texto:

O adolescente em desenvolvimento e a contemporaneidade

Atividades de aprendizagem:

Fórum temático

Atividade colaborativa

Exercício objetivo



Tópicos para aprofundamento

- O desenvolvimento humano é um processo biopsicossocial e contínuo de transformações da pessoa e seu grupo ao longo de sua vida.
- As características do desenvolvimento do adolescente no contexto sociofamiliar ocorrem de acordo com as condições sociais e culturais com as quais ele convive.
- A reconstrução da autoimagem e da identidade nas áreas social, sexual, cultural etc. baseia-se nas mudanças físicas que influenciam a maneira como ele se vê e é visto.
- A relação com os grupos de pares vai mudando com as fases da adolescência. No início, vincula-se àqueles com os quais se identifica, de acordo com seus critérios e valores. Ao longo da adolescência, migra para outros grupos pela necessidade de exercer novos papéis sociais.
- As mudanças familiares e sociais acabam por influenciar as relações socioafetivas entre os adolescentes dos sexos masculino e feminino.
- O fim da adolescência é um processo complexo, que envolve um conjunto de transformações e conquistas interdependentes que levarão à definição progressiva da identidade adulta.





Assista ao vídeo 2 – *Quem vê cara não vê coração*

O vídeo mostra como os valores, mitos e conceitos de cada um afetam o relacionamento entre a direção de uma escola, os professores, os adolescentes e sua família.

Os adolescentes buscam afirmar sua identidade pela forma peculiar de falar, vestir, andar em grupos e frequentar os mesmos lugares.

Essa forma peculiar de expressão não lhes tira o direito de serem ouvidos e aceitos no seu ambiente familiar, escolar e na sociedade. Com a devida atenção e orientação, os adultos podem interagir com os adolescentes a fim de evitar riscos e outros problemas, entre os quais o abuso de drogas.

Resumo do vídeo – *Quem vê cara não vê coração*

A primeira atitude na relação entre a diretora Tereza e o adolescente Neto é a do preconceito, baseada na aparência dele, porque usa piercing, tatuagens, expressa-se por meio de gírias e se relaciona com amigos que se parecem com ele e pensam como ele. Mas esses jovens têm um propósito elogiável que é criar um comitê para ajudar outros adolescentes a evitarem doenças. A diretora, apesar de conservadora, conseguiu superar o preconceito e rever a imagem que tinha deles.

Muitas vezes, a imagem que se faz dos adolescentes não corresponde à realidade. A base de todo relacionamento, conforme foi demonstrado pela diretora Tereza, é a confiança e a crença de que o outro também é capaz, especialmente o adolescente, que possui um potencial inovador.

Aproveite este momento em que você e seus colegas estão juntos para compartilhar as suas experiências relacionadas ao tema da unidade de hoje.

Para refletir



Que tal refletir sobre estas questões?

- Algum preconceito está interferindo no seu relacionamento com os estudantes da sua escola? De que forma?
- Como sua escola tem tratado os adolescentes em relação à sua aparência e às suas ideias?
- Você considera que existe espaço para o protagonismo juvenil em sua escola?
- Conhece ações de protagonismo juvenil, desenvolvidas pelos alunos de sua escola? Qual a importância dessas ações na prevenção do uso de drogas?

Para aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto, apresentamos o texto a seguir, que o ajudará na compreensão do conceito de adolescência como uma fase do desenvolvimento da vida humana, e de como ultrapassar alguns mitos existentes sobre o adolescente.

O ADOLESCENTE EM DESENVOLVIMENTO E A CONTEMPORANEIDADE

Maria Cláudia Santos Lopes de Oliveira

O desenvolvimento humano é um processo global e contínuo de transformações da pessoa e seu grupo, na linha do tempo. Esse processo se inicia antes mesmo do nascimento, naquele momento em que a pessoa passa a existir para seus pais como um projeto de futuro.

Tudo aquilo que está no entorno de um ser em desenvolvimento afeta a dinâmica de suas transformações na linha do tempo: as pessoas, os significados culturais, o momento histórico, as experiências pessoais e sociais, as oportunidades positivas e também os riscos a que crianças e adolescentes podem estar expostos. Esses fatores influenciam, em maior ou menor grau, seu desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social. Da mesma forma, as conquistas derivadas do processo de desenvolvimento pessoal potencializam a capacidade de cada um também atuar criativamente, influenciando por meio do pensamento inovador, na transformação positiva de seu meio.

Uma narrativa exemplar desse fenômeno é a seguinte: Conta-se que uma criança, ao ouvir da professora que os pais eram mais sábios e experientes que os filhos, pergunta-lhe: “Professora, quem inventou a lâmpada elétrica?” A professora responde: “Thomas Edson”. “A criança contra-argumenta: E por que não foi o pai dele?”

Em suma, ninguém se desenvolve sozinho, todo desenvolvimento pessoal é um elo na cadeia de desenvolvimento da sociedade. Além de que, os processos de natureza biopsicossocial que ocorrem no curso de vida de um ser humano configuram um processo de dupla via, no qual afetam e são afetados de modo destacado pelo contexto histórico (caracterizado pela dimensão do tempo) e social (caracterizado pela presença e a influência de outros sociais, relacionados aos diversos ambientes em que cada um vive).

A princípio, as experiências vividas pela criança se tornam significativas para ela, à medida que são significativas para seu grupo social. O valor conferido à experiência infantil colabora para construir o solo sobre o qual cada um configura, de modo único, o senso de si. Cada mudança atual é condicionada pelas características anteriores da pessoa e acarretará efeitos, de forma mais ou menos previsível, sobre seu futuro. Entretanto, há eventos que são considerados pontos de ruptura, porque interrompem uma trajetória de desenvolvimento saudável, por causarem profundos traumas, crises e gerarem guinadas no curso de desenvolvimento. São exemplos disso as experiências de abuso, negligência ou grave violação de direitos na infância. Não devemos ignorar, entretanto, que a subjetividade é uma estrutura muito dinâmica e infinita e tem capacidade de se reconstruir mesmo diante de severas adversidades. Esta seria uma forte razão para que não percamos o otimismo quanto às possibilidades do ser humano mudar e se desenvolver e quanto ao nosso papel, enquanto educadores, de acreditar, mediar e favorecer essas mudanças.

Estamos seguros em dizer que a adolescência – período do curso de vida que mais nos interessa aqui – começa a ser construída na tenra infância. Uma criança feliz tende a se transformar em um adolescente saudável. Em outros termos, quando a criança encontra um nicho familiar e comunitário afetivamente seguro e comprometido com a garantia de seus direitos, a despeito das dificuldades econômicas e as possíveis vulnerabilidades que possam permear o meio social imediato, temos grande probabilidade de promover adolescências saudáveis. Infelizmente, notamos que o ambiente mais próximo da criança é aquele no qual, por várias razões, suas necessidades específicas de ser em desenvolvimento são muitas vezes ignoradas. Noutras, ainda que a família tenha uma estrutura afetiva sólida, não encontra suporte de uma rede social segura, nem conta com a adequada assistência para cumprir sua função de promoção de desenvolvimento dos filhos. Disso, podem ocorrer problemas que se tornam críticos na adolescência.

Decorre daí o consenso de que a passagem da infância para a adolescência, nas sociedades urbanas contemporâneas, conduz o adolescente a grandes mudanças comportamentais, relacionais e de valores. As transformações da adolescência fazem dos adolescentes, muitas vezes, um grupo visto como estranho ou incompreensível, quando olhado da perspectiva dos adultos, aspecto que contribui para os conflitos intergeracionais, além da prevalência de estereótipos e preconceito dirigidos a esse grupo.

Uma pergunta frequente entre educadores é:

Quem é o adolescente?

O primeiro pensamento que nos vem à mente sobre o adolescente quase sempre é pejorativo. Isso se confirma pelas expressões:



De onde surgiram essas ideias?

As ideias acima expressam mitos que se tornaram comuns e generalizados em razão das imagens de irresponsabilidade, intransigência, instabilidade emocional, imprevisibilidade etc., observadas apenas em determinados ambientes socioeconômicos e culturais.

Mas, em outros contextos, a adolescência é marcada pelo trabalho, disciplina e responsabilidade ante o sustento da família.

Percebemos que hoje há diversidade de experiências na fase da adolescência, de acordo com as condições sociais e culturais existentes:

- O contexto socioeconômico influencia comportamentos, expectativas de futuro, exigências sociais e formas de participação culturais, seja na área urbana, seja na rural.
- Também têm influência nos comportamentos e expectativas as experiências com famílias estruturadas segundo diferentes configurações sociais e sexuais, em zonas de violência, no seio de minorias religiosas e étnicas, como entre indígenas, migrantes estrangeiros etc.

Em cada um desses contextos, a adolescência está associada a diferentes condições de inserção ou exclusão social e guarda diferentes formas de ser e estar no mundo, que devem ser identificadas e compreendidas por nós.

A seguir, desenvolvemos quatro temas sobre a evolução do conceito de adolescência e suas implicações no papel social, familiar e escolar:

- o conceito de adolescência: aspectos históricos;
- adolescência e cultura;
- o desenvolvimento psicológico na adolescência;
- a adolescência no contexto da contemporaneidade.

O conceito de adolescência: aspectos históricos

Em nossa língua, o termo adolescência tem duas características distintas:

Termo	Significados	
Adolescência = <i>Adolescere</i> (verbo latino)	■ Amadurecer ■ Crescer ■ Desabrochar	O amadurecimento ocorre no corpo biológico caracterizado pelas transformações da puberdade e pela estrutura psicológica.
	■ Adoecer	O adoecimento está relacionado aos vários aspectos da crise psicossocial atravessada pela pessoa durante o período da adolescência.

A **puberdade**, característica do amadurecimento do adolescente, pode ser compreendida como um fato natural, contudo, ao longo da história da humanidade, a adolescência se apresenta como um processo proveniente de transformações socioculturais. Vejamos a nossa história:

Até o século XII, falava-se sobre adultos jovens, mas não sobre adolescentes. Na Idade Média, a atividade de trabalho estava associada à produção artesanal e ao comércio; não havia, de fato, separação entre vida e trabalho, entre socialização familiar e profissional. Tão logo as crianças conquistavam autonomia motora, os espaços de brincadeira passavam a se misturar aos das oficinas de trabalho e contribuíam para que a transmissão do ofício se desse de modo quase natural.

Com o advento da Modernidade, houve uma crescente necessidade de conhecimentos especializados na área técnico-científica para a produção do trabalho e também aumentaram as exigências de preparação das pessoas para a entrada no mundo profissional.

A escola passou a representar o espaço responsável por essa preparação, assim como lugar de “tempo de espera” da oportunidade de acesso ao trabalho formal. Tudo isso contribuiu para a necessidade de formalização da educação e resultou na progressiva separação entre as formas de vida das crianças e dos adultos.

A Modernidade promoveu o desenvolvimento econômico, social, científico e financeiro em todo o mundo e ocasionou o aumento populacional. Com essas mudanças, ficou cada vez mais evidente a separação entre o fim da infância e o início da vida adulta, embora não haja uma definição social precisa para o intervalo entre esses dois momentos.

Adolescência e Cultura

Os estudos antropológicos, desenvolvidos no início do século XX sobre a adolescência e a juventude em culturas exóticas, confirmaram que a puberdade é um fenômeno natural da espécie humana. No entanto, o seu significado difere culturalmente por causa das práticas observadas em cada povo.

Vejamos um exemplo comparativo entre a cultura ocidental e a cultura Manu.



Nesse caso, a puberdade também é vista como um fato cultural.

Outras evidências das diferenças culturais

Grande parte dos grupos sociais de culturas distintas registra a passagem da infância para a idade adulta por meio de manifestações cerimoniais. Nesses ritos de passagem, o amadurecimento físico é associado à ideia de morte simbólica da criança para o nascimento de um novo adulto.

- Para cada pessoa, os ritos de passagem assumem uma forma de preparação (quarentenas, isolamento social) e de desfecho (rituais de suplício, dramatização da morte/renascimento, festas, celebrações etc.).
- Para o grupo, a pessoa que inicia o ritual está na condição de criança e, ao terminar, adquire novo *status* social, a condição de adulto. Assim, o rito de passagem demarca a maioridade social do adolescente.



Nas sociedades ocidentais modernas, ao contrário, os ritos de passagem foram suprimidos e substituídos por uma longa fase intermediária entre a infância e a vida adulta.

Eventos como festa de debutante, maioridade civil e o primeiro emprego assumem, nessas sociedades, parte do significado e da função representada pelos rituais nas sociedades arcaicas.

A adolescência, além de fazer parte de uma construção histórica e de uma produção cultural, também expressa as formas singulares de como cada pessoa é, vive e sente a transição da infância para a vida adulta. Essa transição pode ser compreendida pelo estudo do desenvolvimento psicológico.

Desenvolvimento psicológico na adolescência

Em razão da abrangência e profundidade desse tema, vamos abordá-lo em quatro contextos:

- Reconstrução da autoimagem e senso de identidade.
- Mudança de significação da relação com os pais.
- Novo significado da relação com o grupo de pares: aspectos sociais e afetivos.
- Elaboração de perspectivas de futuro: projeto de vida nos planos afetivo, profissional e moral.

a) Reconstrução da autoimagem e senso de identidade

Tudo começa com os pelos que surgem no rosto, nas axilas ou simultaneamente, na região pubiana. Mudam os odores, as formas, o peso, as características do cabelo e da pele. Nariz, mãos, orelhas e pés crescem de modo desproporcional. Novas sensações e reações diante do sexo oposto, às vezes, fogem ao controle voluntário.

Em dado momento, o adolescente chega em frente ao espelho e não se reconhece na imagem que ali encontra. Isso ocorre porque a própria imagem, construída ao longo da infância, entra em choque com o novo corpo, causando na pessoa uma sensação de estranheza, desconforto.

Muitas vezes, o mal-estar é acentuado por causa da inadequação entre as características físicas assumidas pelo corpo do adolescente e os padrões estéticos reconhecidos na cultura ou impostos pela mídia e pela sociedade em geral.

Especialmente as adolescentes sofrem com a impossibilidade de atender ao modelo de corpo esguio exigido, em razão de estarem passando por uma fase da vida em que o acúmulo de gordura, o arredondamento dos quadris e o aumento dos seios seguem um ritmo ditado pelos hormônios, tudo isso foge ao autocontrole.

O que se conclui, então, é que o efeito psicológico provocado pelas transformações corporais é fortemente condicionado pela forma como os adolescentes reagem às próprias mudanças físicas experimentadas. A maneira como os adolescentes se veem e são vistos interfere na sua autoimagem e autoestima.

Assim, é parte dos processos psicológicos da adolescência a aceitação do novo corpo e sua incorporação à autoimagem, de forma integrada e sistêmica.

A reconstrução da autoimagem corporal é uma dimensão significativa da construção da identidade do adolescente na área social, sexual, cultural etc.

b) Mudança de significação da relação com os pais

Além das mudanças corporais, a marca psicológica mais importante do adolescente em nossa sociedade é tornar-se independente dos pais. Se, durante os primeiros anos da vida, grande parte dos significados, valores e crenças que orientavam a atividade da criança eram dados pelos pais, na adolescência a pessoa assume valores próprios, numa perspectiva de autonomia em relação aos pais.

Separar-se dos pais não exige a separação física, mas necessariamente a separação simbólica.

Separar-se nesse nível é poder pensar de modo diferente da família, rever suas visões de mundo, considerar outras opções de futuro. Tal separação simbólica é importante para dar ao adolescente os meios necessários para assumir as próprias posições, seus desejos e projetos, ainda que ultrapassem o que foi projetado originalmente pelos pais.

Nos relacionamentos durante o período da adolescência, muitos autores consideram a existência de crise como resultante:

- da rejeição da autoridade dos pais;
- dos conflitos de gerações;
- da crítica dos valores e modos de vida da família do adolescente.

No entanto, sabemos que tal crise, se é que existe, não atinge apenas o adolescente. Na mesma fase do ciclo de vida familiar em que os filhos chegam à adolescência, os pais atingem a meia-idade, acumulam mais responsabilidades no trabalho e passam a ter várias exigências do grupo familiar. Ao mesmo tempo, é a fase em que, quando avaliam suas realizações, ressentem-se dos projetos adiados e das próprias frustrações. Nesse sentido, os conflitos que eventualmente emergem são provenientes de questões pessoais próprias e não mero efeito da crise adolescente.

c) Novo significado da relação com o grupo de pares: aspectos sociais e afetivos

O grupo formado pelos amigos e colegas de escola da mesma idade passa a assumir, na adolescência, significado diferenciado do que era na infância.

As diferenças observadas são:

Criança	Adolescente
É dependente afetiva, social e economicamente da família. Relaciona-se com pares escolhidos pelos pais.	É mais independente. Tem mobilidade no espaço social. Realiza maior número de atividades não compartilhadas com a família. Convive com maior diversidade econômica, social e étnica. Compartilha uma parte significativa de seu tempo com outros adolescentes e jovens, na escola, no lazer, e nas atividades culturais. Faz escolhas e identificações sociais sem a interferência direta da família.

O adolescente se aproxima e se vincula àqueles com os quais ele próprio se identifica, a partir de critérios e valores que não necessariamente expressam os da família. Esses valores contribuem para que o grupo de pares de idade passe a ter grande importância em diferentes dimensões da vida do adolescente.

A importância dos pares se traduz no sentimento de lealdade ao grupo, na intimidade entre seus membros, no compartilhamento de segredos, na adesão de cada um à imagem visual do grupo e na forma de expressar comportamentos grupais como rebeldia, transgressão, uso de drogas etc. Esse comportamento é assumido pelo adolescente no contexto coletivo, em nome da unidade do grupo, ainda que não seja a orientação individual que ele possui.

Além da importância do grupo nos processos de socialização do adolescente, identificamos nele um papel fundamental na orientação dos vínculos afetivos e sexuais.

Ao longo da adolescência, as pessoas vão migrando de grupos de mesmo sexo para grupos heterossexuais.

O segundo grupo constitui um contexto importante de transações entre gêneros, que prepara o adolescente para os papéis sociais a serem desempenhados nas futuras relações sexuais.

Essa etapa de experimentação de papéis de gênero também tem-se prolongado com o alongamento da adolescência e o adiamento do casamento entre as novas gerações.

É comum ocorrer desintegração do grupo na transição para a vida adulta, em razão da perda de seu significado, em face das demandas dos novos papéis sociais adultos assumidos. Nesse novo contexto, apenas as amizades mais verdadeiras são preservadas.

Elaboração de perspectivas de futuro: projeto de vida no plano afetivo e profissional

Enquanto podemos ter clareza quanto ao início da adolescência, identificado pelos eventos da puberdade fisiológica, o mesmo não podemos dizer quanto ao seu fim. As marcas que definem se alguém deixou de ser adolescente sofrem profundas modificações conforme a cultura.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, a assunção de um projeto de vida, a realização de escolhas amorosas e a conquista da autonomia financeira encontram-se entre os indicadores do fim da adolescência. Entretanto, o maior tempo necessário à realização dessas conquistas tem contribuído para o alongamento da adolescência.

Adolescência no contexto da contemporaneidade

Contemporaneidade é um termo que indica o período histórico iniciado na segunda metade do século XX, marcado mundialmente pela necessidade de ajuste na esfera política: crise do socialismo, novos estilos de conservadorismo e nas relações econômicas internacionais, marcadas pelos contrastes econômicos, dependência entre países em desenvolvimento e aqueles que detêm o capitalismo central, existência de desemprego e de pobreza etc.

A contemporaneidade traz também profundas mudanças na estrutura familiar. Um bom exemplo delas é a crescente e marcada inserção da mulher no mercado de trabalho. O acréscimo do contingente feminino à força laboral, muitas vezes, resulta em dupla jornada e no acúmulo de tarefas na condução das lides domésticas e familiares e tende a contribuir para novas formas de distribuição de responsabilidades entre o casal frente às necessidades dos filhos.

Ao mesmo tempo, deve-se considerar as novas configurações familiares, advindas, por exemplo, do divórcio, do recasamento, das uniões homoafetivas e outras composições que caracterizam as famílias, nos dias atuais. Considera-se que essas novas formas de vida têm impacto sobre os lares e os filhos que neles se nucleiam: pode-se prever o maior desenvolvimento da autonomia dos filhos, assim como a promoção de relações humanas mais respeitadas diante do convívio cotidiano e íntimo com a diversidade. Entretanto, ainda que a variabilidade das conformações familiares seja inevitável, suas repercussões ainda não foram suficientemente estudadas. De todo modo, deve ser considerada para que se amplie a sua compreensão, visando à melhoria do acompanhamento dos processos de desenvolvimento de adolescentes e de suas famílias.

A diminuição do tempo compartilhado entre pais e filhos não se deve exclusivamente aos pais, é uma característica da adolescência. Como o adolescente vive a necessidade de se reconhecer e ser reconhecido como pessoa autônoma, ele tende a buscar essa condição por meio do afastamento dos pais, passando a procurar nos amigos o acolhimento e o diálogo, antes buscados no relacionamento familiar

A exposição intensiva à TV afeta a formação do pensamento das crianças e dos adolescentes à medida que ela representa, ao mesmo tempo, um cuidador (babá eletrônica), um antídoto contra a solidão e uma importante alternativa de lazer. O número elevado de horas de exposição à TV contribui para inserir crianças e adolescentes em cadeias de consumo, tanto por meio das propagandas, como da “pedagogia” inscrita no formato e nos conteúdos da programação infanto-juvenil.

Considerações finais

As mudanças familiares e sociais acabam por influenciar as relações socioafetivas. Na adolescência, as relações entre os gêneros mudam de significado em relação à infância. Isso ocorre por causa da relação sexual e erótica dos afetos, que vem em decorrência da maturação sexual. Se o adolescente já é, em geral, inseguro, no campo das relações afetivas, essa insegurança se intensifica por causa das mudanças nas relações de gênero na contemporaneidade.

Estudos evidenciam que o gênero feminino, por ter um papel protagonista nas mudanças sociais em curso, tem expressado alterações mais significativas em relação a valores como família, casamento, namoro, trabalho, sucesso e ascensão social. As adolescentes também se apresentam sensíveis a essas mudanças do mundo adulto.

Referências

- ABERASTURY, A. *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.
- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ARIÉS, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- BERGER, K. S. *O Desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2003.
- BLOS, P. *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CARVALHO, V. B. C. *Desenvolvimento Humano e Psicologia*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- CASTRO, L. R. *Infância e adolescência na sociedade do consumo*. Rio de Janeiro: Nau, 1998.
- COLE, M.; COLE, S. R. *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FREUD, S. *As transformações da puberdade*. Ed. Standard Brasileira das Obras Completas, v. 7, 2006.
- GALLATIN, J. E. *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1978.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LEVISKY, D. L. *Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- MARGULIS, M. Juventud: una aproximación conceptual. In: BURAK, S. (Org.). *Adolescencia y Juventud en America Latina*. Cartago, Costa Rica: L.U.R, 2001.
- OLIVEIRA, M. C. S. L. *Internet e educação: uma análise das novas mediações nos processos de interação e construção de conhecimentos*. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.
- _____. Subjetividade e conhecimento: do sujeito da representação ao sujeito dialógico. *Revista Fractal*, 15(2), 2003, p. 33-52.
- _____. *O adolescente como pessoa em desenvolvimento e a contemporaneidade*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2004.
- OZELLA, S. *Adolescência: uma perspectiva crítica*. Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia, 2002.
- QUAPPER, K. L. Juventud o juventudes? Acerca de como mirar a las juventudes de nuestro continente. In: BURAK, S. (Org.). *Adolescencia y Juventud en America Latina*. Cartago, Costa Rica: L.U.R, 2001.
- SOUSA SANTOS, B. S. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1996.
- VALSINER, J. Social transformation of the self in adolescence. In: *Human development and culture: the social nature of personality and its study*. Lexington: Lexington Books, 1989.